

Direitos humanos escritos à mão em azulejos

Artista plástica e arquiteta francesa inaugura, dia 21, mural no metrô da Siqueira Campos

Renata Magdaleno

Por enquanto, são apenas listras coloridas em cerâmica na entrada do futuro metrô da Siqueira Campos. Mas no fim do mês, quando a estação for inaugurada, os azulejos terão a forma de um painel gigantesco, com a silhueta de Copacabana, fotos de moradores da região e trechos de poemas. Mais carioca, impossível. Apesar de a autoria do mural ser de uma artista plástica e arquiteta francesa. Mas Françoise Schein, que já espalhou seus painéis em metrôs de Paris, Lisboa, Bruxelas, Berlim e Estocolmo, vem, aos poucos, fincando raízes por aqui. Aprendeu a falar português e, desde julho, montou seu quartel-general num galpão no Cais do Porto. No ano passado, inaugurou um mural na Praça Niemeyer, no Vidigal, e sonha em espalhar seu trabalho por mais 29 favelas cariocas.

— Divido-me entre Paris e o Rio. Meu sonho era que a prefeitura doasse uma casa, onde pudéssemos desenvolver nosso trabalho — planeja a artista, que tem uma equipe de voluntários ajudando na confecção e na idealização das obras.

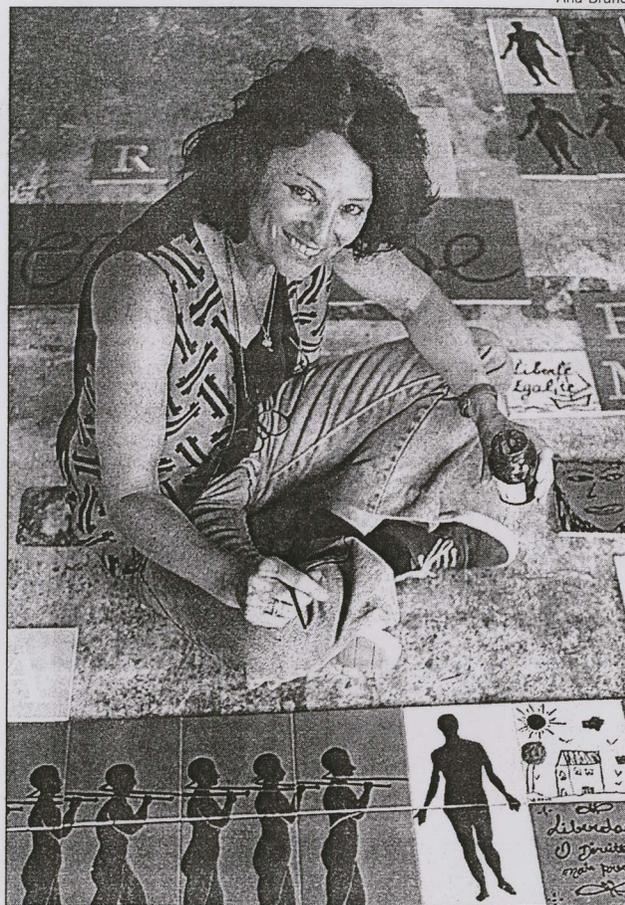
Françoise pisou pela primeira vez no Brasil há quatro anos, com o objetivo de adotar uma criança. Mas sua chegada por aqui rendeu mais do

que um filho. Os trâmites legais para que a menina ganhasse o seu nome foram muitos e, *workaholic* assumida, ela começou a preencher o tempo de espera com trabalho, buscando formas de viabilizar seus projetos. Pediu ajuda ao consulado francês, ao Favela-Bairro e conseguiu apoio de uma fábrica de cerâmica. A arquiteta firmou parceria com a ONG Enda Brasil e montou sua própria ONG na França para captar recursos.

— Fizemos o mural do Vidigal, com 250 metros quadrados. Para o ano que vem, faremos painéis em mais cinco comunidades (Vila Moretti, Vila União da Paz e Vila São Bento, em Bangu; Vila Parque da Cidade, na Gávea; e Vila Benjamin Constant, na Urca), como parte do programa APD-Rio (Programa de Apoio às Populações Desfavorecidas, parceria entre a União Européia e a prefeitura) — comemora.

Os Direitos Humanos são desenhados em azulejos

A idéia é continuar aqui o trabalho que desenvolve desde 1989: a confecção de murais com trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e a história da cidade em que estão instalados. O primeiro montado foi em Paris. O metrô da Concorde é todo decorado com azulejos. E sua obra se espalhou por estações de Lisboa, Bruxelas,



Ana Branco

FRANÇOISE SCHEIN: painéis na Siqueira Campos e em favelas

Berlim, Estocolmo e Haifa.

— Achei que o metrô era o lugar ideal para instalar minha obra, porque fica nos alicerces da cidade. É um meio de trans-

porte democrático, onde milhares de pessoas passam. No Rio surgiu a oportunidade de fazer nas comunidades carentes. E queria espalhar por 30

favelas. É o número de artigos da declaração — explica.

Enquanto as peças vão sendo montadas, Françoise ainda dá aulas para crianças carentes. Menores da Favela da Maré fizeram um curso em seu ateliê e contribuíram com desenhos para a confecção do painel da Siqueira Campos, com 20 metros de altura e nove mil azulejos.

— Queremos ensinar-lhes o ofício e inseri-los no mercado de trabalho — afirma a arquiteta Laura Taves, integrante da equipe de Françoise.

Cada trabalho e todas as etapas são registradas. Françoise anda pelo ateliê sempre com a câmera na mão. A montagem do painel do Vidigal rendeu um filme de 23 minutos. E parte das fotos que tira vai compor a exposição "Anjos do Rio", que inaugura no dia 13, no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).

E, mesmo durante sua estada brasileira, ela ainda vem desenvolvendo obras na Europa. No momento, confecciona numa praça em Coventry, na Inglaterra, uma escultura baseada no fuso horário, com luzes, que funcionará como um relógio gigante. E, em Bremen, na Alemanha, monta o jardim dos direitos humanos, com placas de bronze firmadas no chão de uma praça.

— Gosto de marcos. De construir coisas que permaneçam nas cidades — diz. ■

B

Vidigal no caminho da arte

Artista francesa
Françoise Schein
sobe morro carioca
para fazer sua
primeira intervenção
ao ar livre

Caminhando pelas ruas estreitas da Favela do Vidigal, na Zona Sul do Rio de Janeiro, a artista plástica Françoise Schein comete a seguinte licença poética: "Isso aqui não é uma favela. Com essa vista privilegiada para o mar, é uma colônia típica do Mediterrâneo". Coisa de gringo? Nem tanto. Impressionada com a beleza do Vidigal, Françoise passa pelas casas de arquitetura simplória e saúda seus moradores como se já os conhecesse há anos. Afinal, é assim que se sente diante do local em que está prestes a realizar sua próxima obra de arte. Mais uma intervenção urbana, a primeira ao ar livre. O nome é pomposo: *Vidigal 2000*.

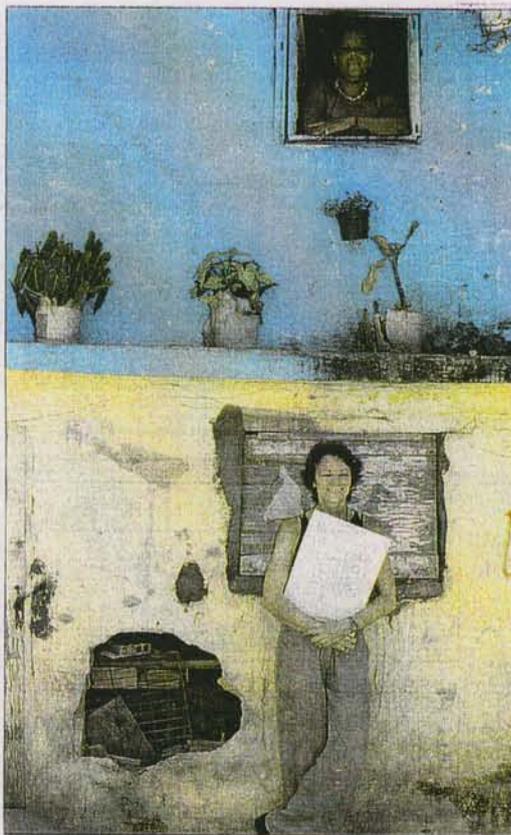
Definido pela artista como um projeto sobre os Direitos Humanos para a cidade do Rio de Janeiro, *Vidigal 2000* propõe à população carioca um percurso pela favela. A intervenção propriamente dita consiste em usar muros e fachadas como suporte para a difusão dos artigos da Declaração dos Direitos Humanos. Para isso, Françoise já escolheu 30 sítios diferentes, o que beneficiará o mesmo número de famílias com a reforma parcial de suas casas.

O projeto conta com o apoio do prefeito Luiz Paulo Conde e do Consulado da França no Rio de Janeiro. Na última sexta-feira, Françoise esteve na Academia Brasileira de Letras, buscando a adesão de alguns imortais para a sua empreitada.

Enquanto transita pela vizinhança que tão bem tem lhe acolhido, a artista já reconhece os locais que farão parte de sua obra. "Esse, aquele, aquele outro lá. Minha ideia é fazer pequenas intervenções na paisagem, pontuando o percurso com textos e campos cromáticos", comenta Françoise, reconhecida em toda a Europa por uma série de intervenções bem sucedidas nas estações do metrô Concorde (Paris), Dyades (Bruxelas), Parque (Lisboa) e Universitetet (Estocolmo).

Tais trabalhos, desenvolvidos sistematicamente como numa rede de processos complementares, renderam à artista comentários em páginas e mais páginas de jornal, o que a motivou a desenvolver novos projetos, específicos para cada cidade. Tendo Berlim como a próxima parada, Françoise revela que espera concluir *Vidigal 2000* até o fim do inverno brasileiro.

Apesar do caráter grandioso do projeto, vale ressaltar que sua execução é de uma simplicidade



"Minha proposta de trabalho é mobilizar várias cidades do mundo em torno da difusão dos direitos humanos"



"Me interesse pelo povo brasileiro desde a pesquisa para intervenção na estação do metrô de Lisboa, Portugal"

GILBERTO DE ABREU

forme nos croquis, são necessários azulejos no revestimento de algumas fachadas, cores vivíssimas em outras e, o que é mais importante, a ajuda da iniciativa privada. "Gostaria de poder contar com o apoio da construção civil para a realização desse projeto", sonha Françoise. "Não posso acreditar que alguém que trabalhe com isso seja capaz de me negar sacos de cimento ou tintas de parede?", desafia.

Para conferir às intervenções uma unidade, Françoise sugere ainda a construção de dezenas de arcos suplementares, feitos de cimento armado, que pontuarão todo o caminho, do topo ao pé do morro. "Dessa maneira, abraço a todos com a ideia de que a comunidade é a dona do trabalho e cada um de seus indivíduos o guardião da obra para a posteridade".

O projeto de intervenção urbana de Françoise passa também pelo plano ambiental, já que uma de suas propostas é conceber uma alameda arborizada com o plantio de 100 palmeiras nativas da região de São Conrado. É por essas e outras que Françoise vem encantando os moradores do Vidigal. Dona Vânia dos Santos Costa, residente na favela desde a infância, não vê a hora de o projeto chegar à porta de sua casa. "Vou poder ampliar a sala e a cozinha, e construir mais um quarto para os meninos", sonha a moradora.

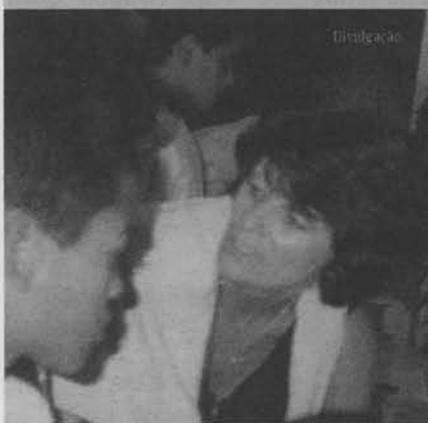
Dona Vânia só não consegue entender o porquê das obras demorarem tanto para começar. "Você não imagina a loucura que é isso aqui. Desde a minha primeira visita ao Vidigal, a presidência da associação dos moradores já mudou três vezes", confidencia Françoise, que tem procurado não se envolver com nenhuma questão ligada ao tráfico de drogas naquela comunidade, optando sempre por dialogar com os moradores do Vidigal através da associação.

Para garantir ao projeto a visibilidade que ele necessita nos diversos setores da sociedade, a artista pretende expor uma obra correlata a *Vidigal 2000* na saída de

exatidão do metrô do Largo da Carioca. "Será o ponto de sinalização central do projeto dos Direitos Humanos no Vidigal", define a artista, de mostrar a todos que ninguém pode ficar sem assistência médica, moradia ou educação.

Para a etapa carioca do projeto, Françoise conta com o importante apoio operacional do escritório Alôbada Projetos e Obras, do arquiteto Walter Teixeira Filho, e da Escola de Arte Maria Teresa Vieira, dirigida por Moema Branquinho, que idealizou e coordenará um projeto de sensibilização das crianças do Vidigal para o trabalho que Françoise Schein. O objetivo principal do programa, segundo a diretora da escola, é capacitar as crianças e adolescentes da comunidade para, num primeiro momento, ajudarem a artista no desenvolvimento do projeto. Para isso, foram criados cursos profissionalizantes e programadas atividades artísticas em oficinas de arte e apresentações teatrais.

Metrô do Rio ganha painel dos Direitos Humanos



Ela se tornou conhecida em quase todo mundo por inscrever os Direitos Humanos em estações de metrô das cidades. A primeira vez que fez isso foi em 1989, na Concorde, em Paris, no bicentenário da Revolução Francesa. Depois grandes painéis foram erguidos em Lisboa, Estocolmo, Berlim, Bremen, Haifa (Israel) e Bruxelas. Agora é a vez da cidade do Rio de Janeiro conhecer a arte engajada de Françoise Schein, uma artista plástica francesa, de 49 anos, que desde 1999 está no Brasil desenvolvendo projetos artísticos e urbanísticos em favelas cariocas, como no Vidigal.

A nova estação do metrô em Copacabana, na Rua Siqueira Campos, que será inaugurada em 21 de dezembro, foi a escolhida para acolher o monumento artístico de 350 m² de Françoise. São dois painéis de aproximadamente 20 metros de altura revestidos de azulejos azuis e verdes. Três personagens fotografados e reproduzidos em serigrafia são os destaques do painel principal: uma bisavó negra, dona Irene, de 75 anos, vendedora de chicletes, que se criou abandonada nas ruas, que carrega, na visão da artista, a força do trabalhador; um belo homem de

30 anos, o Ninho, professor de capoeira do Vidigal, simbolizando o povo e os costumes negros no Brasil; e uma menina de dez anos, jovem e alegre, representando o futuro e a esperança de um povo que ainda é tratado com injustiça. As três pinturas se situam acima do texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, inscritos à mão e enriquecidos pelos desenhos das crianças de comunidades carentes, alunos dos cursos profissionalizantes de pintura e cerâmica que Françoise oferece em seu ateliê na Zona Portuária. O mapa do bairro também fará parte da obra.

UMA OPÇÃO DE VIDA – Há 13 anos Françoise trabalha na construção do projeto internacional de Inscrever os Direitos Humanos. “É uma rede nas cidades do mundo de reafirmação da Declaração dos Direitos Humanos de 1948, das Nações Unidas. Escolhi o metrô porque é um ponto de ligação de todas as pessoas do mundo”, disse. Para realizar seu objetivo, a artista criou a ONG Association Inscrire, que lhe garante subvenções. A mão-de-obra empregada na construção do monumento do metrô de Copacabana, por exemplo, está sendo paga pelo Ministério dos Assuntos Estrangeiros da França e Prefeitura da Região da Ilha de France. Vinte pessoas estão envolvidas no trabalho, que tem como uma das peças principais, além de Françoise, a arquiteta Laura Taves, que gerencia o projeto e cuida da logística.

Os azulejos foram doados pela Cerâmica Eliane, de Santa Catarina.

Metrô ganha painel de azulejos

O Rio está prestes a entrar para um grupo que inclui Paris, Bruxelas, Lisboa, Estocolmo e Berlim. O motivo é uma dupla de painéis da artista plástica francesa Françoise Schein, que vai ser inaugurada na praça do metrô Siqueira Campos, fazendo da segunda parada do trem subterrâneo em Copacabana mais uma da lista de estações com obras de Françoise, como a parisiense Concorde, entre outras quatro gares européias. A artista, que, além de Paris, já expôs em Berlim, Nova York, Londres e Bruxelas (que sediou em 1999 a maior mostra de Françoise, de esculturas e desenhos com o tema "enciclopédia da cultura"), inaugura também, na sexta-feira, às 19 horas, uma exposição de fotos e desenhos em pastel no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Flamengo.

— Costumo usar várias ferramentas, como a escultura, a pintura, a fotografia e instalações. Nesta exposição, que foi inspirada na população das favelas, optei por fotos de personagens e desenhos de mapas — diz Françoise, que é também arquiteta e urbanista.

Artista utiliza o tema dos direitos humanos

Françoise Schein tem nos direitos humanos um ponto de referência. Na estação Siqueira Campos, seus painéis de 20 metros de altura mostram, em azulejos, três personagens fotografados e reproduzidos em serigrafia, em grande escala. Uma mulher de 75 anos de idade, que representa a força do trabalhador; um lutador de capoeira de 30 anos, como símbolo do povo e dos costumes negros no Brasil, e uma menina jovem e alegre, que leva à cena o futuro e a esperança

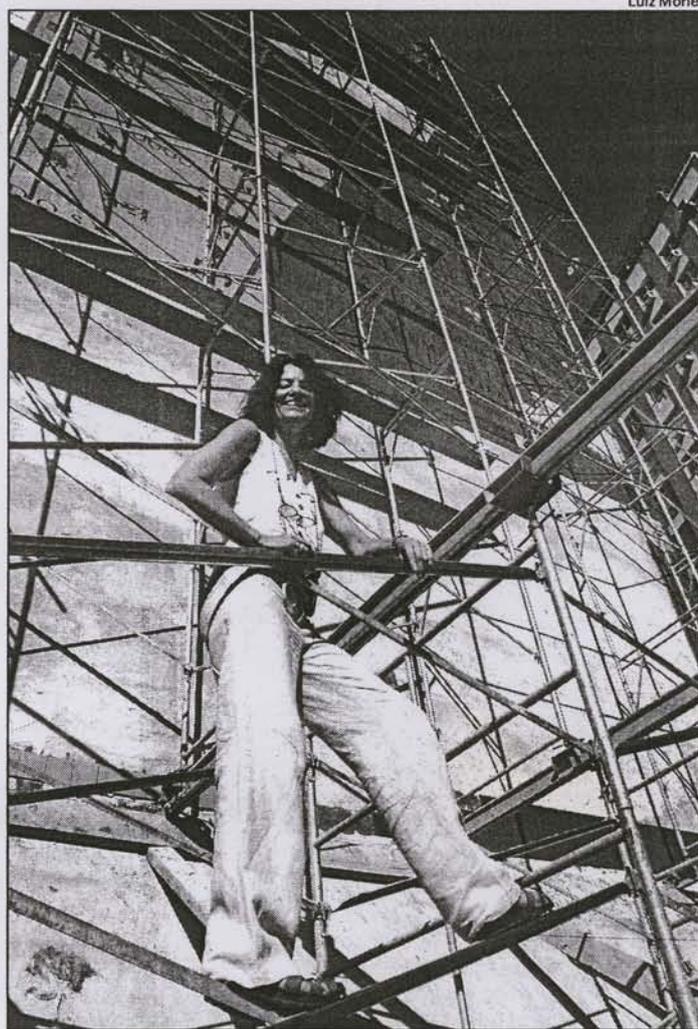
de uma população, foram as figuras escolhidas pela artista. O painel inclui a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que Françoise exalta há 13 anos mundo afora.

— Nas estações, trabalho com a especificidade de cada lugar. No Brasil, foi a injustiça social. Em Berlim, o nazismo. Em Lisboa, os descobrimentos. Em Estocolmo, a ecologia — desafia Françoise.

A artista plástica, que conheceu o Brasil em 1999, estreitou os laços com o país há três anos, quando adotou um menina brasileira que vendia chicletes na rua, que está atualmente com 10 anos.

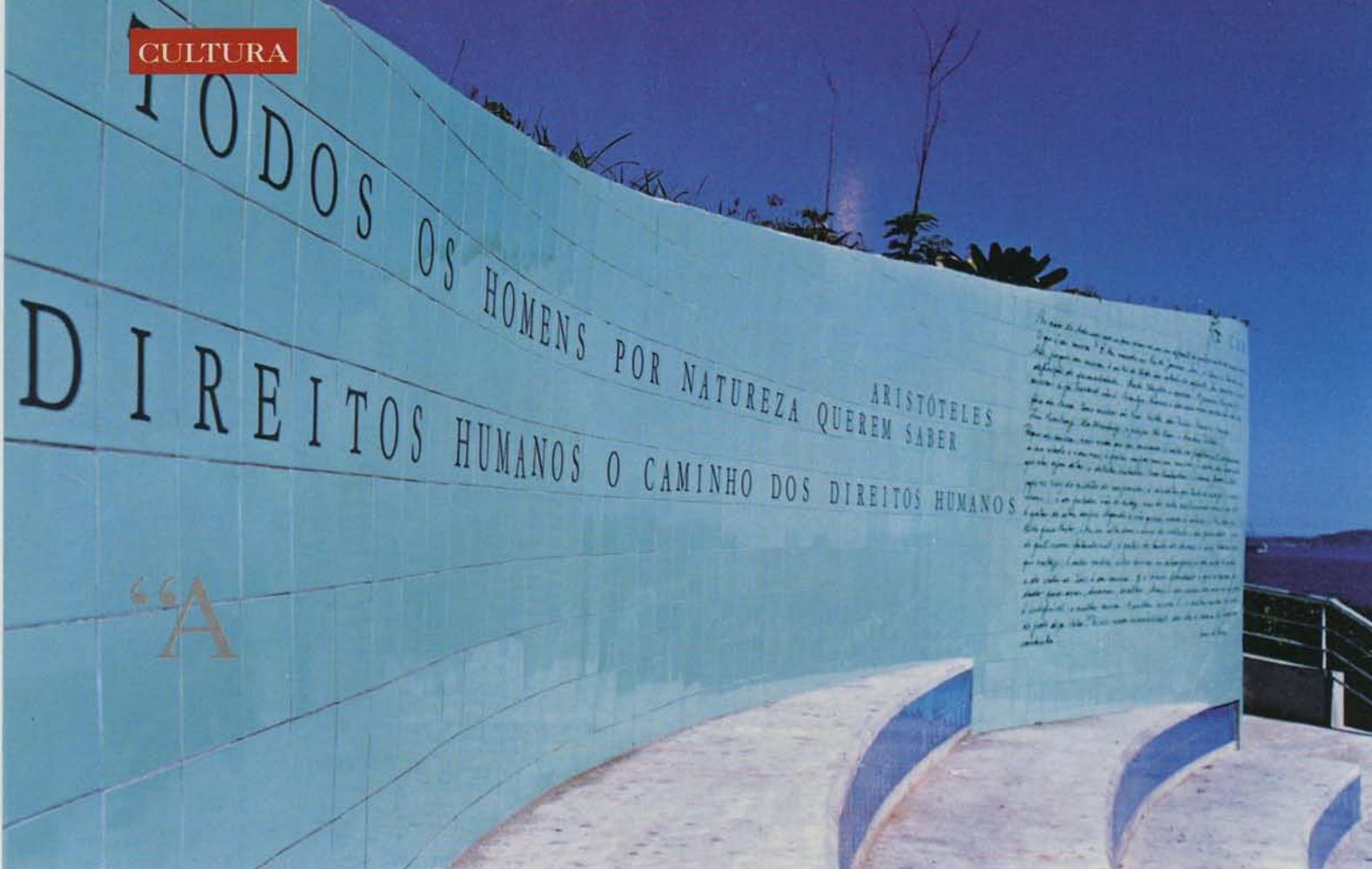
JORNAL DO BRASIL

Toque francês no Rio



Luiz Morier

FRANÇOISE SCHEIN, autora dos painéis do metrô, vai expor fotos e pastéis no IAB

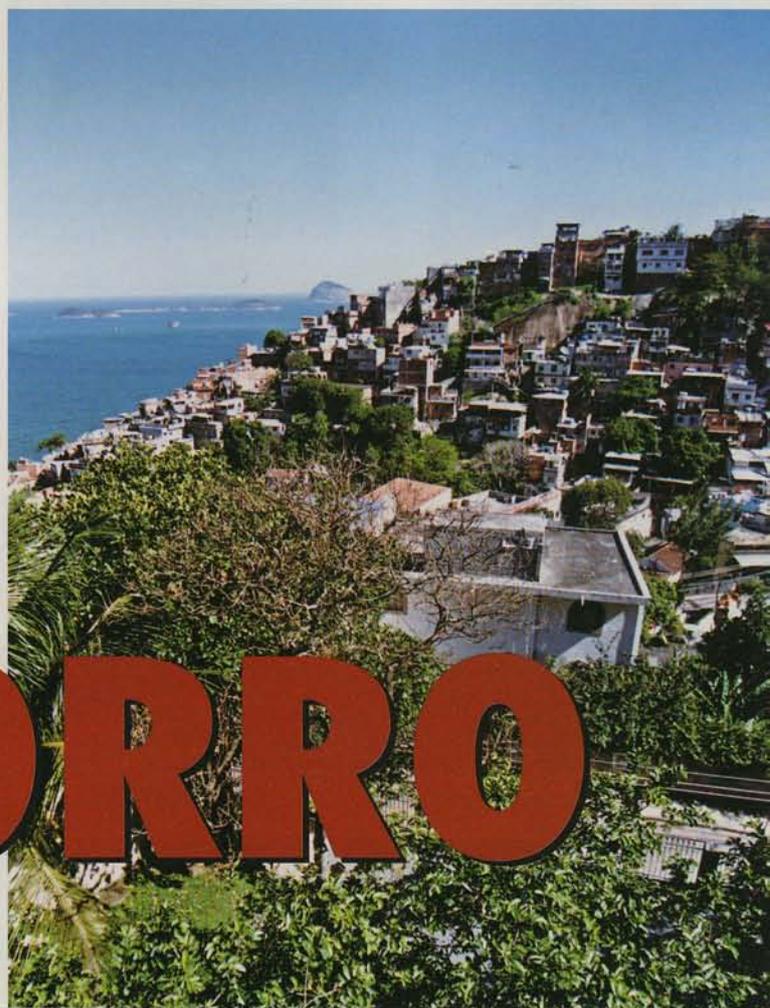


A vida e os sonhos dos moradores do morro do Vidigal, no Rio transformam-se em arte pelas mãos da arquiteta francesa, Françoise Schein

VIVIANE MEDEIROS

A ARTE SOBE

O MORRO

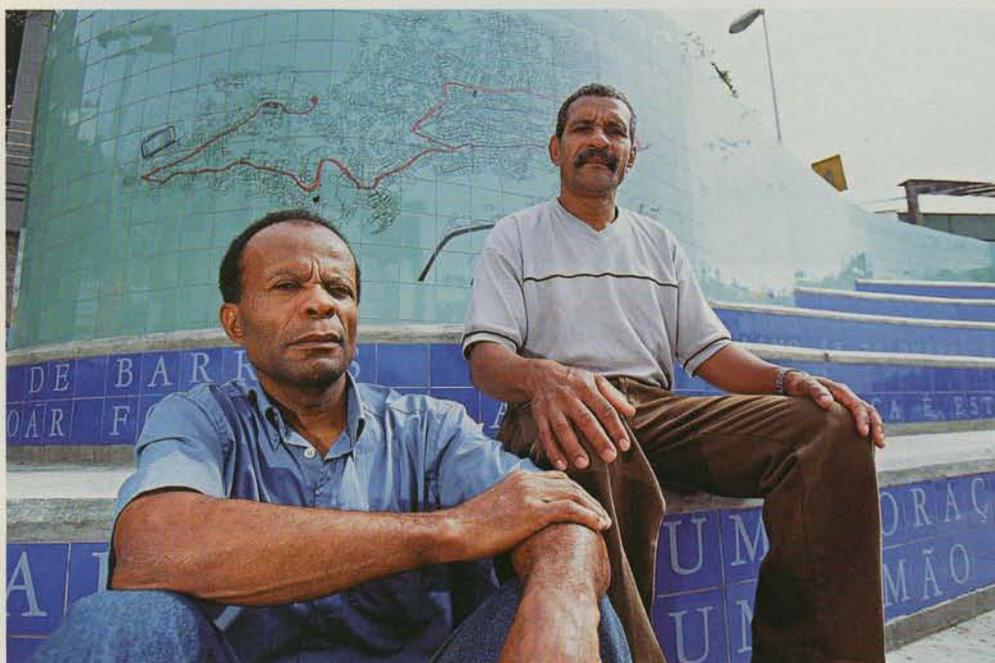


“**A** arte é uma oração. É uma mão estendida na penumbra que recolhe um pouco de graça e se transforma na mão que doa.”

A frase do escritor tcheco Franz Kafka é a tradução do que faz a arquiteta francesa Françoise Schein. Não à toa está entre as dez citações de pensadores e filósofos escolhidas para estampar um painel de azulejos no morro do Vidigal, comunidade pobre da zona sul do Rio de Janeiro. O painel, de 40 metros de comprimento e três metros de altura, é a sétima obra de arte de uma lista de intervenções urbanas que Françoise vem realizando mundo afora, movida por um sentimento libertário de promover a ligação entre democracia e direitos humanos. “É preci-

Essa espécie de intuição levou Françoise ao Rio de Janeiro pela primeira vez em fevereiro de 1999. Foi paixão à primeira vista, pela cidade e pelas pessoas. Tanto que ela resolveu adotar uma criança brasileira. Depois de seis meses, encontrou Lahana, então com sete anos de idade, filha de um marinheiro peruano e de uma mulata brasileira. “Ela vivia em um abrigo para órfãos no Alto da Boa Vista, perto do Corcovado. Acho que foi Deus quem a trouxe para mim”, filosofa. Mas o processo de adoção foi demorado. Levou nove meses, quase uma gestação de verdade. Enquanto juntava documentos e aguardava a decisão da justiça, Françoise teve a idéia de repetir no Brasil o que já tinha feito na Europa.

A inspiração surgiu a partir da semelhança entre as cidades mediterrâneas e a arquitetura pouco convencional dos morros cariocas, com suas casas sim-



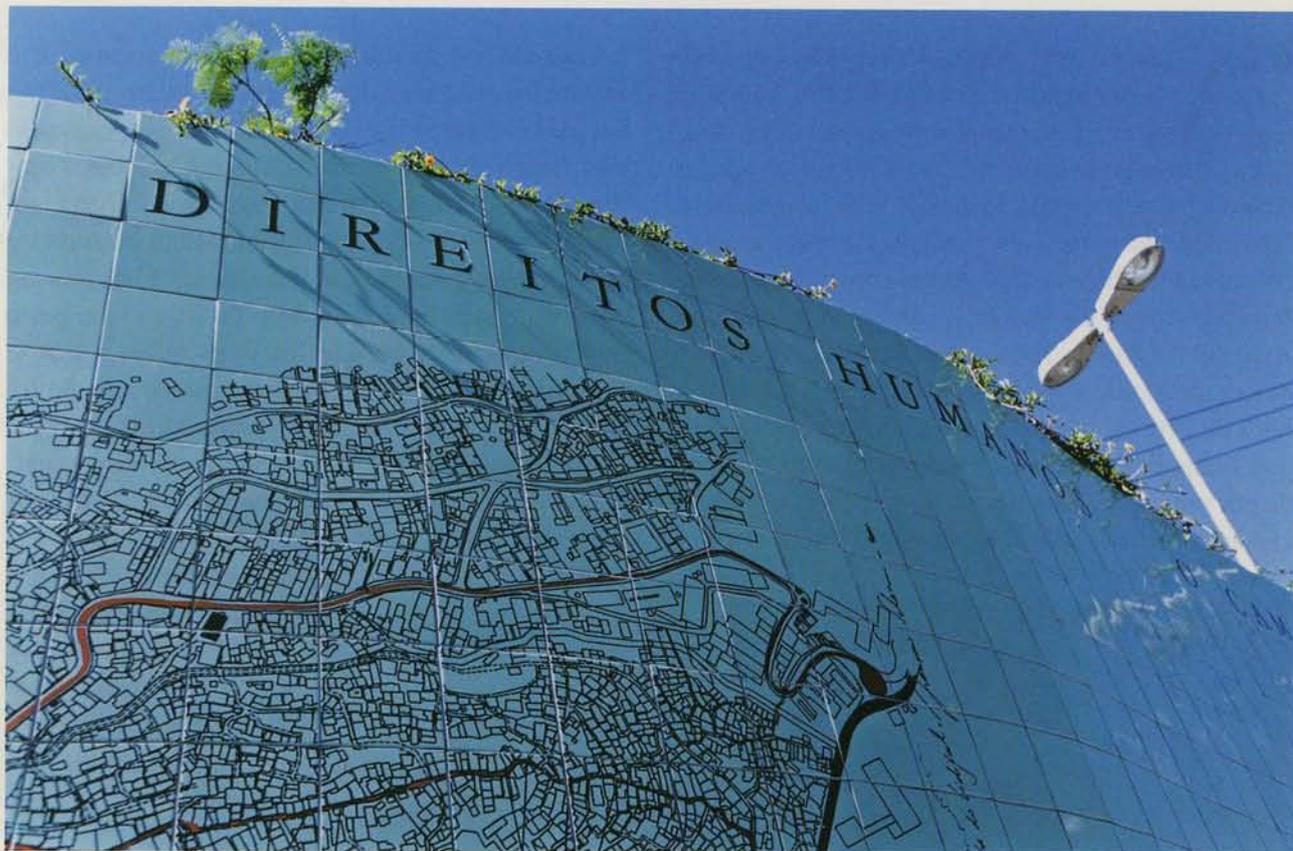
(Ao lado) Sebastião e Samuel: antigos moradores do morro usaram a experiência de pedreiro para colocar em prática o projeto da arquiteta. (Na página ao lado) Vista panorâmica do Vidigal e o painel de azulejos (acima).

so investir na educação da população para que a democracia se consolide inteiramente”, defende, em um português ainda carregado de sotaque.

Dominada por esse espírito, a artista já deixou a marca do seu trabalho em estações do metrô de seis capitais da Europa: Paris, Bruxelas, Estocolmo, Berlim, Jerusalém e Lisboa. Nesta última, passou uma temporada e encontrou um carnavalesco brasileiro, cujo trabalho despertou seu interesse pelo Brasil. “Eu conhecia um pouco da literatura, mas ainda estava presa aos estereótipos, principalmente às imagens do Carnaval. Embora nunca tivesse pisado em solo brasileiro, sentia como se conhecesse o país. Havia uma atração inexplicável”, lembra.

ples, de padrão irregular, contornadas por vias estreitas. A idéia inicial era reunir todos os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos em painéis de azulejo, que decorassem as fachadas das casas e as ruas de uma favela. O local eleito para receber o trabalho da artista foi o morro do Vidigal, que estava sendo urbanizado pela prefeitura do Rio.

Depois de visitas frequentes à favela, aos poucos a arquiteta alterou o projeto original: no lugar de um painel em cada casa, a artista decidiu elaborar uma instalação bem maior na praça principal, logo na entrada da comunidade. E a Declaração dos Direitos Humanos deu lugar a textos que falam sobre a vida, o trabalho, a arte, o sonho—ferramentas fun-



Paula Kossatz

O painel, de três metros, é a sétima obra da arquiteta francesa Françoise Schein, que já deixou sua marca em estações de metrô em Paris e Berlim

preitada. Primeiro contou com a ajuda de técnicos da Secretaria de Habitação, que lhe forneceram as plantas urbanísticas do Vidigal, necessárias para se conhecer a geografia do lugar.

O mapa da comunidade seria ilustrado no painel. Depois, ela conseguiu apoio do Consulado Francês e da Associação Francesa de Ação Artística, entidade ligada ao Ministério dos Assuntos Estrangeiros, que lhe deram uma bolsa para financiar sua estadia no Brasil. A permanência no país só era interrompida quando Françoise precisava retornar à França para concluir outros projetos de trabalho. Entre idas e vindas, em janeiro de 2000 ela, finalmente, deu início à captação de recursos.

Com o desenho debaixo do braço, partiu em busca de patrocínio. A ajuda veio de uma fábrica de azulejos com sede em Santa Catarina, no sul do país. Em julho deste ano, o esboço seguiu para a fábrica,

damentais de quem deseja construir um mundo melhor, no qual os direitos de todos sejam respeitados com igualdade. Françoise não estava sozinha nessa em-

preitada. Primeiro contou com a ajuda de técnicos da Secretaria de Habitação, que lhe forneceram as plantas urbanísticas do Vidigal, necessárias para se conhecer a geografia do lugar. O material chegou no Rio no mês seguinte e só então teve início a última etapa – e, também, a mais trabalhosa: a montagem do painel. “Passei a frequentar a comunidade para conhecer os moradores e contar a eles o que pretendia fazer. Assim, nós trocamos idéias e ao mesmo tempo em que eles se sentiam mais à vontade comigo, eu aprendia a confiar neles”, explica.

Igualdade, liberdade e fraternidade – Essa convivência trouxe o que faltava para o sucesso do projeto: o encontro de Françoise com Sebastião e Samuel. “Ela conhecia um amigo nosso, morador do morro, e foi assim que nos aproximamos”, conta o pernambucano Sebastião Francelino de Oliveira, de 52 anos, há 20 no Vidigal. “Nós não sabíamos exatamente o que seria o trabalho, apenas que tinha relação com a arte”, explica o vizinho e conterrâneo Samuel Alexandre da Silva, de 49 anos. O trabalho a que se refere era colar ladrilho por ladrilho na parede da praça principal da comunidade, o que não parecia nenhuma novidade para quem está acostumado a fazer esse tipo de serviço em cozinhas e banheiros de apartamentos e mansões da zona sul do Rio.

Mas não foi tão simples assim. Como não havia

sobra de azulejo, era preciso ter atenção redobrada. O teste começou pelos degraus da escada. Samuel diz com orgulho: “Como deu certo, a Françoise passou a acreditar na nossa capacidade”. Os cinco degraus foram concluídos em três dias. E poderia ter sido menos, não fosse uma falha na arquitetura. O espaço deixado para os azulejos era de 31cm², dois a mais que o padrão. Resultado: cada peça teve de ser cortada manualmente.

O caminho dos direitos humanos – O grande desafio foi colocar os azulejos na parede. Primeiro, porque a superfície era irregular, cheia de imperfeições. Depois, porque em cada azulejo havia uma letra para se formar uma frase. “Nós éramos orientados o tempo todo pela Françoise e, além disso, tínhamos como referência um desenho do painel”, diz Sebastião. “Um erro poderia ser fatal, uma letra não podia ser colocada fora de ordem ou de cabeça para baixo”, Samuel completa. A rotina era pesada: das 7 da manhã às 6 da noite, com rápida parada para o almoço. Os dois contavam com a ajuda de um assistente. A mão-de-obra foi remunerada graças à doação de uma construtora.

Em três semanas, estava tudo pronto. “Foi cansativo, mas eu fiquei muito feliz. Todo mundo passava, olhava e gostava. Essa iniciativa foi um benefício para a comunidade onde eu moro”, comemora Samuel ao contemplar o painel, em que uma única frase aparece escrita seis vezes: “O caminho dos direitos humanos”. Talvez esse caminho seja uma nova relação entre homens e mulheres, como a que Françoise estabeleceu com os moradores do Vidigal. “Depois de quinze dias, nós tínhamos a sensação de que nos conhecíamos há quinze anos! Ela não fazia distinção”, Samuel ainda se surpreende. “Eu queria que no Brasil houvesse tantas pessoas com o coração generoso como o da Françoise”, sonha Sebastião.

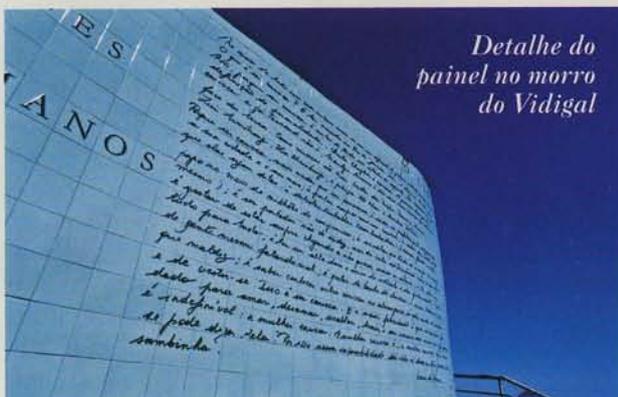
Para traduzir essa simbiose entre a arquiteta francesa e a gente simples do Vidigal, ninguém melhor que Vinícius de Moraes. Com um texto sobre o comportamento despojado e a personalidade amigável do carioca, o poeta também foi um dos eleitos para deixar suas palavras impressas nos pequenos quadrados de cerâmica, que hoje não apenas decoram a entrada da favela, mas, de alguma forma, são a porta para um mundo de mais igualdade, liberdade e fraternidade.

FRANÇA BRASIL

Nº 250 Dezembro/Janeiro de 2002

CULTURA

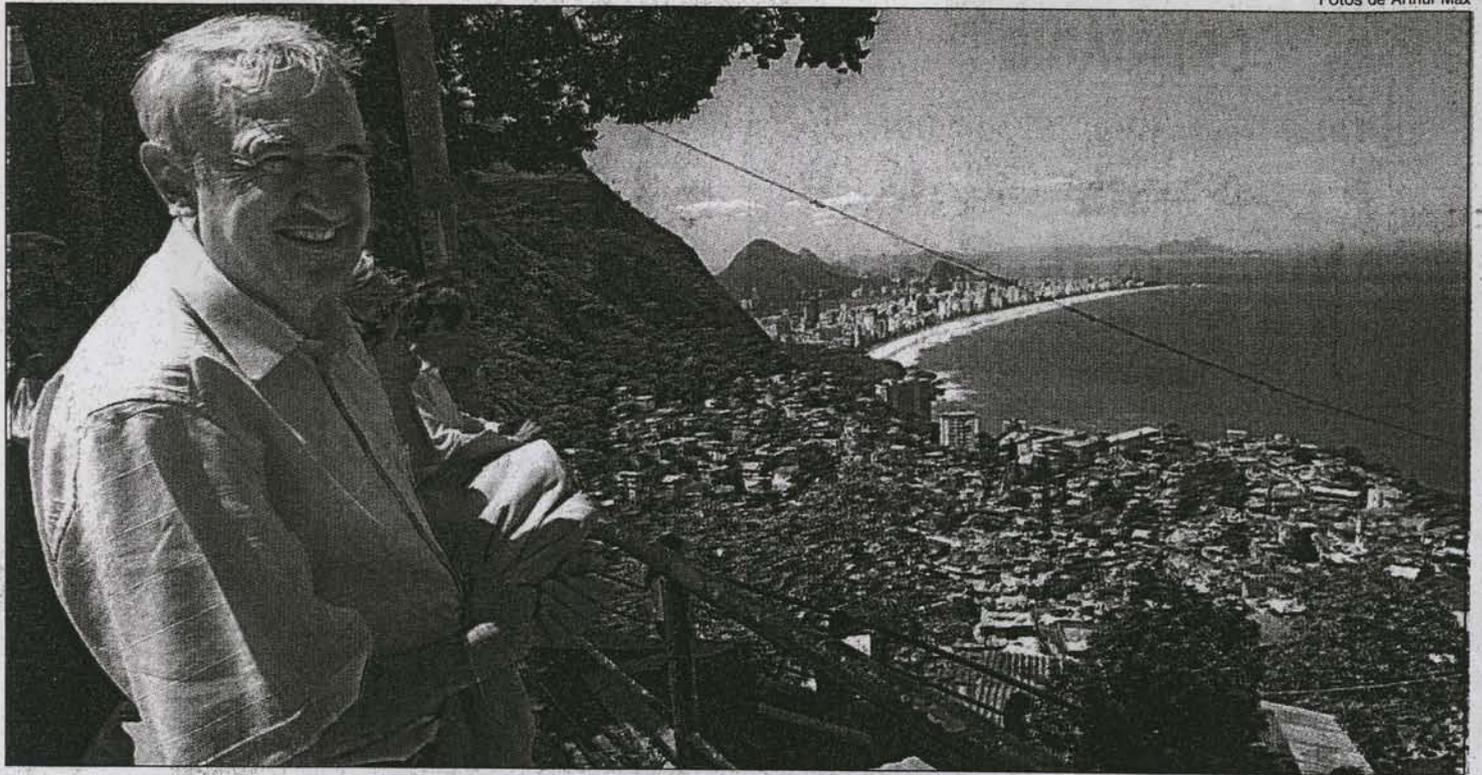
Arquiteta francesa transforma as histórias dos moradores do morro do Vidigal, no Rio, em obra de arte **34**



Detalhe do painel no morro do Vidigal

Paula Kossatz

EDITORIAL	4
BREVES	6
EUROPÁGINA	14
CÂMARA EM AÇÃO	15
NEGÓCIOS	30
ARTIGO	38
CENDOTEC	42
CADERNO FRANCÊS 	43
MINHA FRANÇA	50



O ministro francês Michel Duffour, responsável pelo Patrimônio, aprecia a vista da Praia de Ipanema no Mirante do Vidigal

Da França para o Vidigal

Ministro francês se encanta com a arquitetura da favela

O ministro do Patrimônio e da Descentralização Cultural da França, Michel Duffour, teve seu primeiro contato com o que mais característico pode existir na arquitetura carioca: uma favela. Acompanhado pelo ministro do trabalho, Francisco Dornelles, Michel Duffour ficou deslumbrado com a visita feita ontem ao Vidigal. Não só com a visão que se tem do mirante, no topo do morro, de onde se avista a praia do Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas, e a arquitetura do lugar, mas também com a arte produzida pelos moradores da favela. Tanto que não se intimidou ao ficar sob a mira de armas de fogo durante uma apresentação teatral dos moradores do local.

O ministro foi ao Vidigal para a inauguração do projeto *O Caminho dos Direitos Humanos*, da artista plástica e urbanista francesa Françoise Schein. Chegou às 11h40, na praça Niemeyer, porta de entrada da favela, acompanhado de sua comitiva. Foi conferir a restauração da praça, que teve a escadaria revestida de azulejos coloridos com frases de diversos pensadores, entre eles, Aristóte-

les. A recuperação do espaço teve apoio do governo francês.

Painel – O ministro discursou para uma platéia atenta sobre a importância desse tipo de projeto em uma comunidade carente. “É um projeto extraordinário porque se integra à comunidade e traz mensagens de esperança de pessoas como Sócrates, Vinícius de Moraes e Manoel de Barros”, disse o ministro.

A presidente da associação de moradores, Bianca Regis, era só orgulho. “Estamos muito orgulhosos de termos sido escolhidos para a realização desse projeto, que vai trazer cultura para a comunidade. E estamos muito felizes de estar recebendo este ministro aqui. É uma honra”, disse.

Depois dos discursos, foi a vez de o ministro Michel Duffour ver a apresentação do balé do grupo Nós do morro, formado por meninas da comunidade. O *grand final*, no entanto, ainda estava por vir. Atento a tudo, o ministro francês foi, de repente, jogado dentro do universo da cidade. Crianças e adolescentes da comunidade encenaram uma peça, a *Revolução dos anjos*, sobre

a violência policial contra os meninos de rua, numa referência a casos como o da Candelária, no qual foram executados oito meninos de rua, em julho de 1993.

Teatro – A encenação começou com o grupo brincando na praça. De repente, rapazes vestidos de policiais e com armas de papel invadiram o local. O ministro se surpreendeu com a veracidade da cena. Na peça, policiais chegam atirando. Muitos morrem. Uma criança sobrevive, mas logo leva um tiro à queima roupa. A cena, com sonoplastia e tudo, emocionou o ministro e a platéia. Ficou mais forte ainda quando um grupo de mães invadiu o espaço, chorando pela perda dos filhos. A peça terminou com os meninos mortos convertidos em anjos. Michel Duffour aplaudiu de pé.

“Foi uma grande emoção. Um recado de paz e tolerância. Esses jovens mostraram que querem um mundo melhor e esse é o primeiro passo, a conscientização. Assim, os jovens do Brasil podem ter um futuro melhor”, disse o ministro francês.

Arquitetura – Para ele, no

entanto, a favela, é uma boa solução de moradia para comunidades carentes. “O jeito de morar é mais interessante em comparação ao sistema habitacional social da Europa. Lá, as comunidades carentes vivem em prédios grandes. A favela, que tem uma arquitetura muito própria, proporciona maior integração entre as pessoas”, acredita o ministro, que foi convidado pelos moradores a conhecer o ponto turístico do local: o Mirante do Vidigal.

A artista plástica Françoise Schein fez questão de ressaltar, porém, que o ministro francês não conhece a realidade de outras comunidades carentes do Rio e baseou o seu discurso na realidade de uma favela que já passou pelo projeto Favela Bairro. “O Vidigal é uma comunidade diferente de todas as outras que conheço no Rio. Por isso trouxe o ministro aqui. Acho que é um exemplo de como as outras favelas podem ficar. Já pensei até em morar no Vidigal, porque todas as pessoas de lá são de verdade”. Michel Duffour, com certeza, assinaria embaixo.

Vidigal ganha domingo painel de artista

Obra, a sétima de uma série, é baseada na Declaração Universal dos Direitos Humanos

Gustavo Stephan



Leticia Matheus

• “No meio de todo esse caos urbano, move-se um ser diferente de qualquer outro do mundo: o carioca.” O primeiro verso do poema “Carioca”, de Vinícius de Moraes, traduz a paixão pelo Rio da artista plástica belga Françoise Schein, que inaugura domingo, na Praça Niemeyer, no Vidigal, seu sétimo painel inspirado na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Com 200 metros quadrados e cores suaves, o painel exibe parte do poema de Vinícius, além de frases do escritor tcheco Franz Kafka, do poeta português Fernando Pessoa, dos filósofos Gilles Deleuze, Aristóteles e Sócrates, entre outros.

Artista adotou menina de rua de Copacabana

Arquiteta e urbanista, formada pela Universidade de Columbia, de Nova York, Françoise se apaixonou pela cultura lusitana e se tornou estudiosa da serigrafia portuguesa. Daí para o interesse pela ex-colônia portuguesa foi um pulo. Há um ano e meio, Françoise adotou a carioca Lohane, então com 7 anos, que perambulava pelas ruas de Copacabana.

— Imagino que fui um navegador português e que cheguei ao Brasil, casando-me

CRIANÇAS JUNTO ao painel que será inaugurado no domingo no Vidigal: a obra, feita com azulejos, exibe frases de escritores e filósofos

com uma índia — brinca.

Moradora de Paris, a artista está no Rio há dois meses fazendo o painel. Os seis anteriores, todos com dimensões monumentais e feitos de azulejos, estão espalhados por estações de metrô das principais capitais da Europa. Na

paisagem carioca, o painel não poderia ser subterrâneo.

Françoise tem planos de criar uma escola de arte serigráfica no Rio e, com os alunos, fazer novos painéis no Vidigal e em outras favelas. Para isso, só precisa de patrocínio. O painel que será inaugurado domingo

foi feito com azulejos da empresa Eliane, com o apoio da Andrade Gutierrez, além do consulado francês, em parceria com a ONG Enda Brasil.

Os painéis têm como objetivo lembrar os direitos humanos e estimular a reflexão:

— Não há democracia sem

educação e, para isso, é preciso estimular o pensamento — diz Françoise.

O painel do Vidigal foi instalado na Praça Niemeyer.

— O comentário aqui é de que o painel é maravilhoso — diz a presidente da associação comunitária, Bianca Régis. ■



Liberté Egalité Fraternité

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE



PRIX DE LA COOPÉRATION INTERNATIONALE

ORGANISÉ PAR LE HAUT CONSEIL DE LA COOPÉRATION INTERNATIONALE

Le projet *de Chemin de Vigidal*

mené par *Françoise Schein et Ende Brasil dans les favelles de Rio de Janeiro*

a été distingué par Monsieur Lionel Jospin, Premier Ministre, le 23 novembre 2000

pour son intérêt dans le domaine *de la promotion des Droits de l'Homme à travers le développement urbain et culturel au Brésil*

Le Président du Haut Conseil de la Coopération Internationale
Jean-Louis Bianco

J. Bianco



http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/cmdh/projetos/index.php?p=25332

Portal da Prefeitura da Cidade ...

OGE: **OBSERVAÇÃO** - Tempo segue fechado com chuvas fracas e sensação de frio na Capital
 Clima: 19° Lentidão: 0 km Rodízio: Livre


prefeitura.sp.gov.br


Buscar... [» Buscar »](#)

CMDH - Comissão Municipal de Direitos Humanos

Início - Secretarias - Direitos Humanos / **CMDH** / Projetos



- [SOBRE A COMISSÃO](#)
- [DIREITOS HUMANOS](#)
- [PROJETOS](#)
- [Meta 42](#)
- [SIM - DH](#)
- [Aulas para Estrangeiros](#)
- [Inscire](#)
- [Reciclar - A3P](#)
- [Mostra Online Entretodos](#)
- [PUBLICAÇÕES](#)
- [RELATÓRIOS](#)
- [NOTÍCIAS](#)

Endereço 

Páteo do Colégio, 5 - Centro
 CEP: 01016-040
 Tel: 3397-1400 / 0800-7701445
 Fax: 3397-1440

Dúvidas e sugestões 

Preencha o formulário e entre em contato conosco.

SAC 

Faça sua solicitação

SECRETARIAS

Inscire

Escrever os Direitos Humanos

O projeto "Inscire - Escrever os Direitos Humanos" iniciou-se na Europa e espalhou-se por todo o mundo produzindo e criando trabalhos artísticos, buscando colocar em evidência os princípios dos Direitos Humanos e a diversidade cultural. Para isso, trabalha com comunidades carentes em dezenas de cidades em todo o mundo. A Association Inscire é uma organização sem fins lucrativos.

Em São Paulo, jovens estudantes da rede pública confeccionarão painéis permanentes que passarão a integrar a decoração da Estação Luz do Metrô. Os jovens participantes do projeto, além de melhor compreenderem os princípios dos Direitos Humanos através do estudo que será realizado, poderão também aprender a técnica utilizada para confeccionar os painéis e depois utilizá-la para seu próprio sustento.

O local foi escolhido por ser um "equivalente" da Place de la Concorde em Paris, onde foi construído o primeiro projeto de Direitos Humanos da Association Inscire, que já apresentou projetos anteriores em cidades como Lisboa, Berlin, Santiago do Chile, Estocolmo e Rio de Janeiro. O projeto inclui fatos geográficos e históricos sobre a Cidade de São Paulo e região e explora o significado do texto dos Direitos Humanos. Esta é a primeira parte da Ação Inscire Estação Luz do Metrô, sob a supervisão da artista plástica belga Françoise Shein com as brasileiras Tatiana Amaral e Laura Taves.

Em Novembro de 2010 foi inaugurado o primeiro painel, que diz respeito à DIGNIDADE, e já está disponível para visitação do público. Em 2011, serão confeccionados os painéis em oito escolas selecionadas pela Secretaria Municipal de Educação, em parceria com a CMDH.

**Resposta para Lydia
site Livrevista, projeto da Unesp.**

*Françoise Schein
Junho 2012*

Estou fazendo uma matéria sobre Artes e Direitos Humanos e gostaria de realizar uma entrevista com a senhora sobre a Inscire. A entrevista irá abordar a ação da Inscire em geral e também da Associação Danyann. Trata-se de algo breve, penso ser por email o modo mais viável de conversarmos. Envio as perguntas abaixo e peço que me responda até dia **20/06**, se possível.

1-Na perspectiva da Inscire, como a arte pode auxiliar na defesa dos direitos humanos?

Through art it is so much easier for youngsters to familiarize themselves with abstract notions as the Human Rights. In fact it is not only with art but with a specific pedagogical methodology that Association Inscire and I have created and that leads the students within these notions until they realize that it deals specifically about their own lives.

It is only if they get to that point, the point of projecting themselves into the text, or rather seeing that their own life is part of these text in every way, that the students really absorb most of the human rights notions. Association Inscire and Françoise Schein have created a Pedagogical Kit that includes 3 elements: a A4 teacher's guide, a A5 student booklet and a A3 unfinished artist's book to be filled up by the drawings of the students. Once a youngster has integrated the very fact that the Human Rights exist and that it is their rights and obligations, and once they have drawn it with their own hands about their own life, they will never forget it. Never. That very fact will create a « culture of Human Rights », automatic responses to fact and action that has integrated the HR. Therefore creating a culture of HR participate to the defence of the HR at large because it is integrated into people's way of thinking.

2- A- Como é trabalhar com direitos humanos em diferentes partes do mundo? Há grandes diferenças? B- De que forma a arte pode contribuir para passar uma mensagem universal?

A- Our work in different parts of the worlds such as Europe or Brasil, has shown us that there isn't much difference in the actual knowledge of the youngsters about HR. Strangely enough this text is the base of democracy that we all cherish but strangely enough we realized that it is not taught anywhere !!! Teaching HR in France or teaching HR in Brasil, demands the same approach, the same understanding of the children's backgrounds. I would say that the only difference is not the countries but the social class where we teach the HR, that really make a difference. The privileged kids rather often show themselves uninterested Obviously these rights will

lead to reducing social differences and privilèges...Democracy demands respect of the others, justice, equality, dignity that can lead to citizenship Liberties , we all know now , even more than ever with the contemporary crisis , liberties need to be ruled as to prevent exaggeration, abuses, and all kinds of violation

- B- Art is a universal language, it need no words to read a figurative drawings representing an idea. For centuries cathedral and public places were covered by drawings telling messages with images . Democracy os no religion , but can use the same tools that the old magnificent painters of the Renaissance , like Giotto or Cimabue, used to express ideas.

3- Há algum projeto que tenha parceria ou apoio governamental? Ou são todos iniciativas independentes? Se sim, quais as vantagens e desvantagens dessa atuação independente

Most of our existing Human Rights projects are Association Inscire or my own initiative. But once they are built the work is always considered as governmental or municipal initiatives... To be independant is always f-great but harder , it allows us to choose where we want to work and with who. Working with Danyann was Inscire's choice because we met in Paris and in Sao Paulo, exchanged ideas and philosophy and decided we could work together to start the Luz station about Human Rights. That the way it did happened. And it worked very well. The desanvantage is the fiancial part of it because we always need to run after money. We would love to find a major sponsor to help us in all our projects. ...!

4-Poderia comentar sobre a Associação Danyann a respeito da mudança de foco nos cursos oferecidos, em que a marcenaria deixou de ser a atividade principal para dar lugar a cursos na área de tecnologia e adminstração? Por que essa mudança?

Qual foi a importância de projetos voltados para arte como o da estação da Luz ?

Maria Helena vai responder aqui não è ?

5- Quais resultados destacaria do trabalho com a Danyann?

Working with danyann gave us a stability in SP and a place to start from. We had similar philosophy of life. We worked well together. We trust each other which is crucial. We always need a trustable partner to start in a foreign country, that is the starting point. But it took me many years before finding Maria Helena Dalla Bona of Danyann. It was luck, I always trust luck. Now we are continuing to work with Danyann in different ways and maybe in the future we will collaborate again on different projects, it all depends on many ingredients that are difficult to invision in advance. We

are now on our way to finalize the station LUZ of the Metro first. Then we'll move on in SP and Brasil . . .

Answers written by **Françoise Schein**

Artist and director of

Association Inscire

www.inscire.com

www.francoiseschein.com

janeiro / fevereiro 2012 # ano 1 # número 5

metropolis

São Paulo

O Metrô na era da sustentabilidade



AÇÃO CULTURAL

Direitos Humanos
em destaque na
Estação Luz



**É HORA DE
SE MEXER**

Saiba como combater
o sedentarismo

E I T O S H U M



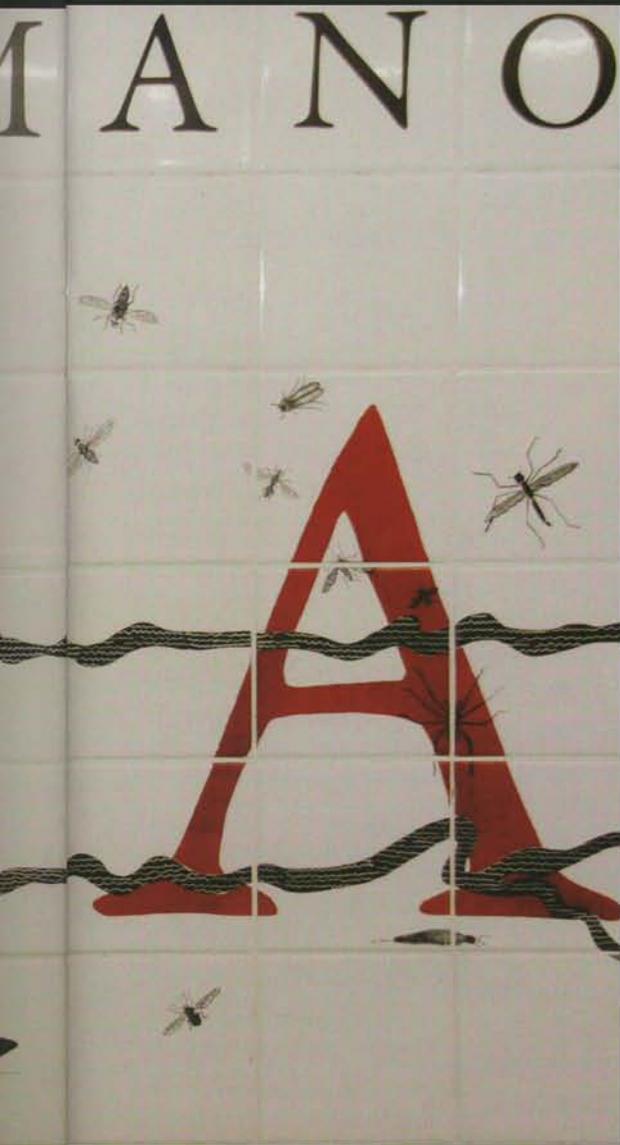
À luz dos direitos humanos

A ARTISTA BELGA FRANÇOISE SCHEIN INAUGURA EM SÃO PAULO MAIS UMA FASE DE SUA OBRA QUE UNE CIDADANIA, EDUCAÇÃO E URBANISMO

A primeira vez que a artista plástica belga Françoise Schein ocupou uma estação de metrô com o seu trabalho foi em 1989, durante as comemorações dos duzentos anos da Revolução Francesa. Para marcar a data, ela cobriu as paredes da Estação Concórdia, em Paris, com azulejos que formam o texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O lugar não poderia ser mais

apropriado para uma obra de apelo humanitário, pois a estação fica sob a Praça da Concórdia, um dos pontos da capital francesa que serviram de palco para os revolucionários do Século XIX. Desde então, Françoise levou adaptações desse trabalho a outros seis metrô do mundo: Bruxelas, Lisboa, Santiago, Berlim, Estocolmo e São Paulo – além de ter deixado sua mensagem na Favela do Vidigal, no Rio, e em lugares

Arte engajada: pela primeira vez, a artista contou com a ajuda de estudantes para compor sua obra (à esquerda e no centro) Françoise Schein (à direita); a artista tem trabalhos instalados em sete metrô do mundo ▼



conflagrados como Cabul, no Afeganistão, Ramallah, na Palestina, e Haifa, em Israel.

Françoise esteve em São Paulo em fevereiro para inaugurar uma nova fase da instalação que produz desde 2010 na Estação Luz da Linha 1-Azul. Durante a visita, ela inaugurou mais dois painéis de azulejos dos quatro que já estão em exibição com a presença do presidente do Metrô, Sérgio Avelleda. Pela

primeira vez em sua carreira, Françoise está produzindo sua arte com a ajuda de estudantes. No caso, são jovens de 12 a 18 anos das redes pública e privada de São Paulo que participaram ativamente da composição da obra.

“Foi mapeando fisicamente as cidades que eu percebi como o reconhecimento dos princípios dos direitos humanos atua na definição do formato das comunidades e das sociedades”

que é o fruto da luta da civilização contra a barbá-

“Além de plasticamente muito bonito, o trabalho da Françoise trata de duas dimensões muito importantes para nós, do Metrô”, disse Avelleda. “Ela fala dos direitos humanos,

rie, e ela ainda conseguiu envolver crianças e jovens nessa discussão.”

A inspiração para o trabalho veio da formação multidisciplinar de Françoise. Além de atuar como artista plástica, tem formação em arquitetura e trabalha com planejamento urbano. “Foi mapeando fisicamente as cidades que eu percebi como o reconhecimento dos princípios dos direitos humanos atua na definição do formato das comuni-

Françoise Schein e o presidente do Metrô, Sérgio Passos Avelleda, na Estação Luz ▼



A MORTE DE MÁRIO GRUBER

O artista plástico santista Mário Gruber faleceu no dia 28 de dezembro do ano passado, aos 84 anos, em decorrência de um câncer. Ele foi personagem da seção Ação Cultural da primeira edição de Metropolis, editada em 2011, por ser o autor da obra “Assim como sempre, o amanhã está em nossas mãos”, instalada na Estação Sé do Metrô.

Nascido em Santos em 1927, Gruber trabalhou incessantemente como artista durante sete décadas. Produziu cerca de 12 mil quadros e esculturas. Autodidata, começou a pintar no início da década de 1940. Foi aluno do escultor Nicolau Rollo, trabalhou com Di Cavalcanti e Cândido Portinari, estudou gravura com Poty e teve contato profissional com o muralista mexicano Diego Rivera.

O artista plástico ficou conhecido já nos anos 1950, com suas gravuras de tom político. Ao longo da carreira, ele produziu obras que misturam cenas realistas com ambientes fantasiosos. •

dades e das sociedades”, disse Françoise. “A partir daí, decidi incorporar o texto da Declaração Universal nos meus trabalhos.” O documento foi criado e aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948 e prevê uma série de direitos básicos para o conjunto da humanidade – tais como a liberdade de ir e vir, a possibilidade de livre expressão de ideias e as condições para uma vida digna.

Cada um dos painéis de 32 metros quadrados já instalados no mezanino da Estação Luz contém uma palavra-chave relacionada aos direitos humanos em destaque: cidadania, solidariedade, justiça e igualdade. Em torno desses temas principais, a artista e os estudantes que participaram do projeto desenvolveram transcrições visuais de cada um dos artigos da Declaração. E mais: a história de São Paulo também está

contada de maneira visual na obra, em meio às mensagens humanitárias.

“Os professores poderão vir aqui dar aulas de história e de direitos humanos”, diz a artista.

O trabalho no Metrô de São Paulo começou a nascer no final dos anos 1990, quando Françoise teve seu projeto aprovado pela companhia. Dificuldades burocráticas e financeiras, porém, deixaram os planos engavetados por muito tempo. Quem ajudou a materializar a ideia da artista belga foi a educadora paulistana Maria Helena Amaral Dalla Bona, criadora da organização não-governamental Associação Dannyan. A ONG, instalada na Mooca, prevê cursos profissionalizantes para jovens carentes. Fran-

çoise também controla uma ONG, a Inscire, que tem como objetivo educar jovens do mundo sobre a importância dos direitos humanos.

A parceria entre as ONGs permitiu que Françoise contasse com a participação de sessenta estudantes paulistanos na composição da obra. A artista partiu, então, dos desenhos produzidos por eles para criar cada um dos 13 painéis que vão formar a obra na Luz. Françoise espera obter patrocínio para concluir o trabalho em 2013. Quando estiver terminada, a obra vai ocupar setecentos metros quadrados de paredes da estação. A produção dos azulejos contou com a participação da arquiteta carioca Laura Taves, coordenadora do Atelier Azulejaria, que reúne um grupo de artistas plásticos que gostam de trabalhar com esse suporte artístico. •



Título
Inscriver os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô

Gênero
Painel

Técnica
Pintura sobre azulejo

Dimensões
32 m² (2010) e 102 m² (2011)

Data
2010

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Luz, mezanino

FRANÇOISE SCHEIN



Françoise Schein (Bruxelas, Bélgica, 1953), artista visual, arquiteta, urbanista e professora, graduou-se pelo Instituto Superior de Arquitetura da Comunidade Francesa da Bélgica – *La Cambre*, seguindo posteriormente para Nova York, onde estudou Design Urbano na Universidade de Colúmbia. Depois de viver 11 anos nos EUA, retornou à Europa dedicando-se a projetos interdisciplinares que envolvem arte, urbanismo, ética e cidadania.

Em São Paulo, o projeto acontece mediante parceria e colaboração entre a Companhia do Metropolitano de São Paulo, a *Associação Inscire*, a Associação Danyann: Aprender e Evoluir, de São Paulo; o Atelier Azulejaria, do Rio de Janeiro; o Instituto Brasil Leitor, de São Paulo, com apoio da Comissão Municipal de Direitos Humanos, do SESC Pompeia e do Consulado Francês. Participam diretamente do projeto Maria Helena Dalla Bonna, a artista plástica Tatiana Amaral, a arquiteta Laura Taves, além de jovens de comunidades menos favorecidas da cidade. Segundo texto divulgado pelo Metrô, um dos alunos participantes da primeira fase do projeto afirmou: “Desenhei sobre o artigo 27, que fala do direito ao lazer e à cultura. O que ficou de lição para mim é que devemos respeitar o próximo, independentemente da raça”. Um outro, que fez um desenho objetivando ilustrar o artigo 22, confessou: “Aprendi que todas as pessoas devem ter o mesmo tratamento e que ninguém é perfeito”.

Criou a *Association Inscire* que objetiva divulgar “os direitos fundamentais sobre os muros das cidades”. Um dos suportes eletivos de sua ação são as paredes das estações de metrô, pelas quais transitam milhões de pessoas diariamente. O primeiro trabalho realizado em estação metroviária foi na Concorde, de Paris. Nela, Françoise transcreveu sobre azulejos a Declaração dos Direitos Humanos da Revolução Francesa de 1789, sem separação de palavras e não usando pontuação. Atualmente existem trabalhos seus em estações do metrô de Bruxelas, Lisboa, Estocolmo, Haifa, Berlim, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para o Metrô de São Paulo, a artista franco-belga idealizou o painel *Inscriver os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô*, retomando o tema da Estação Concorde, de Paris, utilizando a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada em 1948 pela ONU. O projeto da obra em São Paulo prevê a instalação de 35 mil azulejos numa área de 700 metros quadrados do mezanino da estação. Nesses azulejos são enfocados, mediante textos e ilustrações, os direitos fundamentais do homem e incluirá parte da história da cidade. A primeira etapa da obra, com 32 metros quadrados, ficou pronta em 2010. A área foi ampliada para 102 metros quadrados em 2011 e prosseguirá até atingir o total planejado.